



UNICAMP

EVENTO: SOLISTES DE L'EIC
 G. BUQUET, F. STOCHL, A. DAMIENS,
 C. ESTOURELLE
 VEÍCULO: O Estado de São Paulo
 LOCAL: São Paulo, BRASIL
 DATA: 11/10/95
 PÁGINA: D-2
 SEÇÃO: CADERNO 2



MÚSICA

Cheryl Studer cantará em São Paulo

A soprano se apresenta em 9 e 11 de novembro em substituição a Cecilia Bartoli

ANTONIO GONÇALVES FILHO

A soprano norte-americana Cheryl Studer completa 40 anos no dia 24. Sorte dos ouvintes brasileiros, que ganham sua voz de presente. Ela canta em São Paulo nos dias 9 e 11 de novembro, substituindo a italiana Cecilia Bartoli na grande temporada da Sociedade de Cultura Artística. Ontem, a sociedade de certos também anunciou a vinda, no próximo ano, do maestro e compositor francês Pierre Boulez, um dos grandes renovadores da música contemporânea.

Boulez só esteve no Brasil duas vezes, ainda assim nos anos 50 (em 1950 e 1954). Depois disso Boulez provocou vários escândalos musicais e fundou há 20 anos o IRCAM, um centro de pesquisa musical em Paris. Criou também o Ensemble InterContemporain, com o qual vem ao Brasil. Quatro dos músicos desse grupo experimental (tuba, contrabaixo, clarinete e uma cantora) chegam a São Paulo para uma prévia. Tocam nos dias 23 e 24, no Cultura Artística.

Pela ordem de chegada, Cheryl Studer já provoca frisson antes mesmo de cantar. Não se falava em outra coisa no concerto do violoncelista brasileiro Antonio Meneses, anteontem. Compreensível. Cheryl é emocionante. Não há uma Tatiana moderna (da ópera *Eugene Onegin*, de Tchaikovski) que provoque mais lágrimas na cena da desesperada carta de amor. A



Cheryl Studer e Michael Heltau: em ascensão



Pierre Boulez: com 70 anos e em plena forma

cantora, nascida em Midland, no Michigan, começou a ser notada na Alemanha, em 1980, quando estreou numa montagem de *Flauta Mágica*. Foi um sucesso imediato. Nos três anos seguintes fez os principais papéis mozartianos em casas de ópera respeitadas, como a de Darmstadt.

Essa vocação para o repertório de Mozart (ela está numa excelente gravação de *O Rupto do Serralho* com Michael Heltau) não impediu que a soprano lírica americana enfrentasse os

modernos. Cheryl é considerada pela crítica como uma possível substituta da sueca Birgit Nilsson. Tem feito força para isso, interpretando, inclusive, as heroínas do repertório da soprano escandinava (especialmente as de Richard Strauss).

Claro, são dois mundos diferentes. O de Birgit talvez não possa ser recriado, porque ela, Kirsten Flagstad e Maria Callas são casos excepcionais na história da ópera. Mas Cheryl pode ser uma ótima *Elektra*. Talvez não tão trá-

gica, porque o mundo moderno expurgou a tragédia do palco, mas ainda assim tocante. Isso para não falar de sua *Salomé*.

Já Boulez dispensa apresentação. O maestro gravou mais de uma centena de discos, ousou reger a polêmica versão da tetralogia *O Anel dos Nibelungos* dirigida por Patrice Chéreau (em Bayreuth) e comemorou 70 anos no dia 26 de março regendo seu Ensemble InterContemporain. A idade não diminuiu a força criativa de Boulez. Suas recentes gravações mostram uma nova e original leitura da obra de Mahler e suas partituras-móveis provam que o maestro vai passar à história como um autêntico revolucionário.

PIERRE BOULEZ
É DESTAQUE PARA 1996